

# ISABEL VALENÇA, PAULA, MERCEDES BATISTA E AS IRMÃS MARINHO: A IMPORTÂNCIA E A REPRESENTATIVIDADE DAS MULHERES NEGRAS DOS ACADÊMICOS DO SALGUEIRO NOS ANOS 1960



Guilherme José Motta Faria<sup>1</sup>

## Resumo

A trajetória de Isabel Valença popularizada no carnaval como “Chica da Silva” nos permite perceber a importância da relação estabelecida entre a cultura e a imprensa, para o debate sobre gênero e raça nos anos 1960. Representando uma escrava no período colonial, Isabel sintetizou a força de superação das mulheres, se tornando um exemplo a ser seguido. A imprensa ajudou a construir o mito e até os dias atuais continua a reverenciar essa personagem no cenário cultural do Rio de Janeiro. Outras mulheres importantes na história da agremiação também foram relevantes neste cenário e serão brevemente comentadas. Utilizando matérias do período e textos mais atuais, livros de jornalistas e pesquisadores desenvolvi as bases deste artigo.

**Palavras-chave:** carnaval; imprensa; escolas de samba; memória; questão social; gênero.

## Abstract

Isabel Valença's journey popularized in carnival as “Chica da Silva” allows us to perceive the importance of the relationship established between culture and the press, for the debate on gender and race in the 1960s. Representing a slave in the colonial period, Isabel synthesized the strength of overcoming women, becoming an example to be followed. The press helped build the myth and to this day continues to reverence this character in the cultural scene of Rio de Janeiro. Other important women in the history of the association were also relevant in this scenario and will be commented shortly. Using materials from the period and more current texts, books by journalists and researchers, I developed the bases of this article.

**Keywords:** carnaval; press; schools of samba; memory; social issues; genre.

---

<sup>1</sup> Professor Assistente da Universidade Veiga de Almeida, Pós-Doutor História (USP) e Doutor em História (UFF). E-mail: [gguaral68@gmail.com](mailto:gguaral68@gmail.com)



## O papel de destaque das mulheres do Salgueiro

O papel desempenhado pelas mulheres salgueirenses, tanto nos desfiles, quanto no cotidiano do ciclo anual carnavalesco, desde sua fundação, em 1953 e sobretudo, no período recortado neste artigo, sempre foram relevantes. Isabel Valença, as Irmãs Marinho, Paula e Mercedes Batista foram figuras destacadas na história da agremiação e grande era a expectativa de suas performances quando a escola despontava na avenida. Por sua atuação, elas despertaram o interesse da imprensa e conquistaram a resposta calorosa do público ao longo de muitos carnavais, se constituindo como figuras de referência para as mulheres negras do Brasil.

O recorte temporal deste artigo está centrado nos anos 1960 onde a escola do bairro da Tijuca se tornou uma potência do carnaval carioca, conquistando seus principais títulos. São vários os exemplos da presença marcante dessas personagens. Elas fizeram história nos desfiles e suas apresentações, particularmente no caso de Isabel Valença ganhou grande destaque na imprensa nacional e internacional, garantindo a essas mulheres um *status* diferenciado entre os sambistas do Salgueiro.

De fato, Isabel Valença foi a que conquistou o maior espaço na memória dos antigos integrantes e, sobretudo, na imprensa, não só por sua presença exuberante nos desfiles, mas também por representar um símbolo de quebra de barreiras e preconceitos sociais. Aclamada no carnaval carioca como a eterna *Chica da Silva*, a destaque se perpetuou no seletivo grupo de agentes sociais que transcenderam o espaço do noticiário anual, sendo içada ao posto de ícone do carnaval carioca.

Típica história de transformação de realidade social, pela via da cultura, o caso exemplar de Isabel Valença permite vislumbrar a importância da relação estabelecida entre a cultura carnavalesca e a imprensa, trazendo para o centro do debate questões como gênero, raça e comportamento feminino, num período de tantas “revoluções” no qual a sociedade mundial estava passando, nos conturbados anos 1960.

Do universo carnavalesco, a partir da representação de uma personagem negra, com uma história pouco conhecida, Isabel sintetizou a força e a superação das mulheres, representando um exemplo para as demais mulheres cariocas, negras e da periferia da cidade. Os veículos da imprensa foram fundamentais para a construção do mito e com a recorrência de textos jornalísticos, principalmente de tom memorialista, ainda continuam a reverenciar essa personagem no cenário cultural do Rio de Janeiro.



## Anos 1960: novos temas na Avenida

Nos anos 1960, o desfile das escolas de samba passou a se constituir no grande evento do carnaval carioca. Os enredos apresentados passaram a ser ampliados e ganharam espaços consideráveis na imprensa. Em alguns casos, histórias retratando personagens negros, que a história brasileira pouco referenciava tornaram possível revelar para o grande público exemplos de resistência, ousadia e criatividade.

No ambiente do carnaval carioca vivia-se uma dualidade, de um lado buscava-se representar na avenida os símbolos, oriundos de valores que vinham sendo “pregados” pelo Estado, por outro lado, algumas agremiações demonstravam um desejo de ampliar o leque de discussões e questionar a própria ascensão social por parte dos sambistas. Na maioria dos relatos dos pesquisadores<sup>2</sup>, como Sergio Cabral (1996), Haroldo Costa (1984), Felipe Ferreira (1999), o Salgueiro “revolucionou” a ideologia e a estética dos enredos abrindo novo campo de discussões acerca da História brasileira e sua interpretação.

A Acadêmicos do Salgueiro também inovou nas escolhas dos enredos, homenageando personalidades brasileiras, na época, pouco conhecidas, como Zumbi dos Palmares (em 1960), Chica da Silva (em 1963), Chico Rei (em 1964) e Dona Beija (em 1968). Na época, apenas figuras conhecidas da história nacional eram temas de enredo, herança do patriotismo imposto pelo Estado Novo e que ainda vigorava no carnaval carioca. Em 1957, a escola colocou os afrodescendentes como protagonistas do carnaval, ao realizar o enredo "Navio Negreiro", sobre a viagem de escravos ao Brasil. A escola criou forte identificação com essa temática, tendo diversos enredos abordando a cultura afro-brasileira<sup>3</sup>.

O discurso adotado pela escola em relação às representações da africanidade e do papel de importância das personagens femininas permitiu que, pela via carnavalesca, pudesse ser apresentada uma “abordagem nova”, mais próxima da humanização dos personagens históricos, de sua relevância para a identidade cultural negra e, sobretudo propor uma nova forma de narrativa sobre a história brasileira.

Em 1963, a temática africana é consolidada com o campeonato conquistado pelo Salgueiro com o enredo Chica da Silva, de Arlindo Rodrigues, discípulo de Fernando Pamplona. O desfile resgatou a vida da escrava que ascendeu socialmente ao se casar com o contratador de diamantes João Fernandes de Oliveira, subvertendo a lógica social da época com sua presença nos salões da fidalguia mineira. A figura heroica negra nesse enredo ficou estabelecida na sua atitude "mais próxima da malandragem, pois que opera não no

---

<sup>2</sup>CABRAL, Sérgio. *As escolas de samba do Rio de Janeiro*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lumiar, 2004.  
FERREIRA, Felipe. *O marquês e o jegue: estudo da fantasia para escolas de samba*. 1.ed. Rio: Altos da Glória, 1999.

<sup>3</sup> [www.salgueiro.com.br](http://www.salgueiro.com.br), pesquisado em 23 de dezembro de 2016.



confronto aberto, mas pelo aproveitamento de brechas no sistema dominante"<sup>4</sup>.

Com efeito, tanto em 1963, com Chica da Silva, em 1965 numa homenagem a Eneida e sua obra "História do Carnaval carioca" ou em 1968 com "Dona Beija – a Feiticeira de Araxá", dando ênfase e espaço para as figuras femininas, o Salgueiro, nas palavras de Gustavo Melo parecia estar caminhando no sentido de destacar as mulheres que encarnavam em si o ideal de liberdade e de autonomia.

A breve descrição dos enredos ilustra como o perfil do negro foi elaborado pela equipe de Fernando Pamplona no Salgueiro. A imagem heroica, exaltando valores sedimentados durante o período da escravidão dos negros e sua presença no Brasil, fez emergir o sentimento de orgulho da raça. Criou-se o estereótipo do lutador, forte e transgressor. Conforme idealizava Fernando Pamplona, o Salgueiro levava uma mensagem baseada, sobretudo, nas ações em prol da liberdade. Vale ressaltar que a temática negra foi um dos pontos fortes dos enredos apresentados pela escola tijuicana, dentro de uma proposta maior de ser identificada como "diferente", ao fazer emergir, dos livros de história restritos ao conhecimento de poucos, personagens "marginais" cuja trajetória se apresentava como interessante fonte narrativa.<sup>5</sup>

Ana Jacinta e Chica da Silva se inseriam no rol das personagens que conseguiram transcender as limitações sociais e reverter o quadro de possibilidades de atuação na vida da comunidade que pertenciam. Seria essa uma postura militante da agremiação? O discurso do pioneirismo foi sendo construído e reverbera até os anos atuais. De fato, ir contra a essa narrativa cristalizada tem sido um caminho difícil. Dentro dessa perspectiva é inegável a narrativa de pioneirismo sobre a utilização das personagens femininas nos desfiles da Escola nos anos 1960.

Foi a primeira escola a fazer um enredo sobre uma personalidade feminina, com "Xica da Silva", de 1963. Neste mesmo ano, foi a primeira escola a apresentar uma ala de passo marcado. Mercedes Baptista, a primeira bailarina negra do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, coreografou a ala "o minueto". Na época, a ideia causou polêmica, mas, com o passar do tempo, o artifício foi utilizado por outras agremiações em seus desfiles<sup>6</sup>.

Exaltar personagens negros, mulheres, comunidades esquecidas pela história era uma estratégia de luta, da imposição de uma cultura vinda de baixo. De fato, algumas das mulheres que encarnando essas personagens ou criando personas carnavalescas para si, criaram uma identidade de força e beleza, que se tornaram marcas das mulheres no Salgueiro. E quem são estas mulheres que encarnaram, no pós-abolição a postura de orgulho da identidade cultural negra, na valorização dos ritmos,

<sup>4</sup> CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval Carioca dos bastidores ao Desfile. O rito e o tempo: Ensaios de Carnaval*. Rio: Civilização Brasileira, 1999, p.37.

<sup>5</sup> MELO, João Gustavo. *Na Vida, Um Mendigo... Na Folia, Um Rei!* Monografia de graduação do Curso de Comunicação Social: Universidade Federal do Ceará. UFCE-JAN/2000, p. 9-10.

<sup>6</sup> Idem, idem, p.11.



da beleza e da ancestralidade africana? Vamos apresentá-las!

### **A passista Paula: musa do Salgueiro**

No item “personalidades” do Salgueiro, uma mulher que ganhou grande destaque foi a passista Paula, considerada um dos maiores símbolos da mulher salgueirense de todos os tempos. Vários textos sobre a sambista, que circularam na imprensa carioca não se atinham aos dados biográficos da “pastora” e sim à sua extrema feminilidade e o jeito como ela encarnava a essência das mulheres que se identificavam com o Salgueiro. O texto abaixo é um exemplo da importância que a sambista já apresentava para a fundação do Salgueiro. Sua presença foi marcante, além das fronteiras da própria escola, se constituindo como um dos ícones femininos da história dos desfiles nos anos 1960. Paula se tornou um “patrimônio” do carnaval carioca.

Paula do Salgueiro não é destaque apenas de sua escola. Ela é mais do que isso, porque simboliza o carnaval e em sentido mais largo o próprio espírito do povo carioca. Com a sua alegria vestida de rendas, com a sua pele feita de noite, a famosa passista não precisa vencer para ser ela própria, uma vitória do morro humilde que fabrica o samba, e um momento de glória para a sua raça. Ninguém precisa saber quanto custou a sua requintada fantasia, ou o muito suor que exigiu a maestria de seus passos. Paula e o Salgueiro, o samba e o Rio, unidos num ritmo de cor e de som, alma aberta à alegria, corpo-oferecendo ao amor<sup>7</sup>.

Nascida sob o nome de Paula da Silva Campos, no primeiro dia do ano de 1918, em Cantagalo, interior do estado do Rio de Janeiro morou desde pequena em Niterói, cidade onde a sambista continuou morando, mesmo com toda a fama conquistada pelos desfiles, pelos shows e eventos que participava. “Participou do grupo folclórico “A Brasileira” viajou por muitos países: Alemanha, França, Portugal e Suíça e marcou presença nos corpos de dança de Felitícia, Mercedes Baptista e no Teatro Folclórico Brasileiro, de Solano Trindade”<sup>8</sup>. O tratamento dispensado pela imprensa era de uma “diva” do carnaval, mas também de uma mulher forte, corajosa e exemplo de engajamento nas questões de gênero.

Paula era, até a entrada em cena de Isabel Valença, a grande figura do Salgueiro. Nas pesquisas que efetuei no *Jornal do Brasil*, seu nome foi citado em praticamente todos os anos que estão inseridos no recorte temporal deste artigo. Um ponto importante na matéria abaixo destacava o “desejo” da passista em concorrer no

<sup>7</sup> *Jornal do Brasil*, 04/2/60, 2º caderno, p. 4.

<sup>8</sup> *Paula do Salgueiro, por ela criou-se o termo passista*. In: <http://carnavaln1.com.br/paula-do-salgueiro-por-ela-criou-se-o-termo-passista/>, publicado em 29 de março 2020, pesquisado em 25 de julho 2020.



Municipal. Mesmo que não estivesse explícito em sua fala, é possível perceber que “concorrer no Municipal” era algo que povoava o imaginário dos sambistas das escolas de samba. A sua “rica fantasia”, presente dos dirigentes, revelava a sua importância na Escola e o “desejo”, que parecia improvável de ser realizado. Interessante notar que esta fala de Paula é de 1960, portanto quatro anos antes da emblemática participação e vitória de Isabel Valença no referido concurso.

Paula saiu de escrava, em 1957, foi baiana nos dois últimos anos e este ano trará uma fantasia que deve surpreender todo mundo. - Será um presente da própria Escola – conta Paula dizendo que será uma fantasia cara, luxuosíssima, “coisa de grã-fino apresentar-se no Municipal”. Vamos ver este ano os Acadêmicos ganham finalmente o primeiro lugar do campeonato do Samba<sup>9</sup>.

A trajetória de Paula como um dos destaques do Salgueiro foi sendo consolidada a cada ano. Em 1963, no desfile que projetou Isabel Valença, seu nome já era uma referência da Escola. A citação abaixo extraída do *Jornal do Brasil* fez um balanço do desfile do Salgueiro, no carnaval de Chica da Silva. Interessante notar que no rápido resumo são destacados vários pontos altos da escola, que pelo teor do texto pareceu ter sido a “sensação” do desfile. Entretanto, Isabel Valença não foi nomeada na matéria, que se refere a ela como a “mulata que representou Chica da Silva”, enquanto Paula é chamada de “imortal”. Pesos diferentes que o tempo iria reverter.

[...] Mas já então o Salgueiro era assunto único, correndo de boca em boca, por toda a extensão da Presidente Vargas onde se desenrolava o desfile, que os Acadêmicos do Salgueiro eram o estouro de 63. E Salgueiro foi de fato espetacular. Rica, original, trazendo um enredo excelente e um samba bonito, a vermelho e branco, fez com que nem mesmo o fato de desfilar de dia – foi a primeira depois do amanhecer -, sem a festa de luzes que é a apresentação noturna, se constituísse em prejuízo para ela, tal o encanto que causou. Chica da Silva foi indiscutivelmente o melhor enredo de 63. Muito bem bolado, defendido por um samba à altura e cheio de pontos originais onde nem por isso entrava a coisa espúria, deve ter ganho a nota máxima ou quase isso. A fantasia da mulata que representou Chica da Silva era assim como uma fábula, tão rica quanto as mais ricas dos bailes sofisticados. Entre outras coisas, tinha uma cabeleira de *nylon* vinda de Paris e três pedras preciosas autênticas. Um bonito chafariz e a revoada de pombos foram algumas das características originais do enredo. Entre suas figuras, valeram principalmente o folclórico Monsueto, a própria encarnação da bossa do samba, carregando sempre um largo e cativante sorriso, mostrando-se também um ótimo passista, e a imortal Paula, ao lado de quem ele teve a responsabilidade de atuar [...] <sup>10</sup>.

A presença de Paula foi ao longo dos anos uma das forças dos Acadêmicos do Salgueiro. Sergio Cabral identificou a “pastora” como essa “mulher síntese” da

<sup>9</sup> Jornal do Brasil, 04/2/60, 2º caderno, p. 4. Foi respeitada a grafia da época.

<sup>10</sup> Jornal do Brasil, 04/2/60, p. 4- 2º caderno.



agremiação. Mesmo não morando na comunidade, o respeito conquistado com os anos fez dela uma liderança incontestada da escola e um dos grandes trunfos de atração do público nos desfiles em que participou.

No Salgueiro, é Paula. Quantos desfiles, quantos carnavais. Comemorações e tristezas. Mas, sempre Paula. Sempre Salgueiro. A majestosa figura deslizando no asfalto, o ritmo marcado, o famoso jogar de ombros (imitado, nunca igualado), a arquibancada enlouquecida. Aplausos para a pastora, reverências para a cabrocha, reconhecimento para a mulher-Salgueiro, a deusa que fez da escola o altar; do samba, cântico religioso; duas vestes de baiana, paramentos de uma liturgia, para a qual levou em oferenda toda a vida. Paula, uma sacerdotisa. Salgueiro, uma vida.<sup>11</sup>

A presença de Paula também se verificava em sua liderança e relações públicas. Haroldo Costa narra o papel importante que a sambista desempenhou, “Interpretando os anseios do morro, Paula do Salgueiro foi ao encontro de Fernando Pamplona, depois que a poeira do quinto lugar assentou, e o convidou para um encontro com a Velha Guarda e outros setores responsáveis da escola”<sup>12</sup>. O retorno dos carnavalescos foi muito importante para a agremiação, que com os dois artistas a frente (Pamplona e Arlindo Rodrigues) conquistaram mais dois títulos, em 1969 e 1971.

Sua morte em 2/8 de 2001 não representou o fim e sim a transformação da passista em uma das figuras míticas que povoaram a avenida dos desfiles das Escolas de Samba por mais de três décadas, onde segundo tantos relatos, esbanjou graça, sensualidade e um amor enorme pelo Salgueiro.

### **Mercedes Batista - bailarina e coreógrafa**

Mercedes Ignácia da Silva Krieger, artisticamente conhecida como Mercedes Batista, nasceu no município de Campos dos Goytacazes, estado do Rio de Janeiro, em 1921. De origem humilde, ainda jovem, na companhia de sua mãe mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro, onde inicialmente trabalhou como empregada doméstica, posteriormente em uma gráfica e após em uma fábrica de chapéus. Segundo a pesquisa da Enciclopédia Itaú cultural, Mercedes trabalhou como bilheteira de cinema e ficou muito impressionada com os filmes musicais que assistia que a motivaram para a dança.

Ao lamentar a morte de Mercedes, as historiadoras Martha Abreu e Hebe Mattos produziram um breve texto que ressaltava a importância da personagem para a cultura brasileira e para o movimento de identidade negra no Brasil.

<sup>11</sup> CABRAL, Sérgio. *As escolas de samba do Rio de Janeiro*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996, p.197.

<sup>12</sup> COSTA, Haroldo. *Salgueiro: Academia do Samba*. Rio de Janeiro: Record, 1984, p.168.



Pouco conhecida nos meios acadêmicos da História, fomos atrás de mais informações sobre aquela que é considerada a primeira mulher negra do corpo de baile do Municipal e uma das fundadoras do balé afro-brasileiro. [...] começou a vida artística pelas mãos da bailarina Eros Volússia, do Serviço Nacional do Teatro no Rio de Janeiro, em meados da década de 1940. Eros, na década de 1930, era uma bailarina preocupada em formar um balé brasileiro a partir de temas indígenas, sertanejos, negros e populares<sup>13</sup>.

Ao início de 1940, Mercedes Batista iniciou seu projeto com a então, famosa bailarina de clássico e dança folclórica Eros Volússia e ingressou na Escola de Danças do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, onde aprimorou sua arte com os principais mestres da época: Yuco Lindberg e Vaslav Veltchek<sup>14</sup>.

Em 1947, Mercedes Batista foi admitida como bailarina profissional no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, tornando-se assim a primeira mulher negra a ingressar como bailarina nesta casa de espetáculos. Durante essa sua nova fase, Mercedes Batista percebeu o preconceito existente devido ao reduzido número de apresentações no palco. Não conformada com preconceito que imperava na época, Mercedes Batista amadureceu sua consciência política e se engajou no principal movimento de luta contra o preconceito e o racismo; ingressou para o grupo do TEN - Teatro Experimental do Negro, liderado por Abdias Nascimento. Em 1948, Mercedes Batista foi eleita a Rainha das Mulatas e em 1950, tornou-se membro do Conselho de Mulheres Negras. Essa trajetória que rompeu muitas barreiras ao provocar embates com os interditos sociais que a questão racial no Brasil impunha aos negros foi ressaltada no texto de Martha Abreu e Hebe Matos:

No final dos anos 40, Baptista conseguiu passar no difícil concurso do Municipal e passou a se engajar num dos mais importantes movimentos negros de então, o Teatro Experimental do Negro, dirigido por Abdias do Nascimento. A partir daí e principalmente depois de ter recebido uma bolsa para estudar balé em Nova York com Katherine Dunham (1909 – 2006) – considerada a fundadora da moderna dança afro-americana, com quem parece ter mantido contato por muito tempo- sua projeção no meio artístico, como dançarina e coreógrafa, consolidou-se. Sempre em articulação com a militância e a arte negra atlântica, inclusive internacionalmente.<sup>15</sup>

Segundo Paulo Melgaço da Silva Júnior, o Grupo de dança de Mercedes conquistou notoriedade, quando se apresentaram em turnês pelos quatro cantos do

---

<sup>13</sup> MATTOS, Hebe e ABREU, Martha, Uma coreógrafa brasileira no atlântico negro – homenagem à Mercedes Baptista, publicado em, 25/8/2014. In <https://conversadehistoriadoras.com/2014/08/25/>, pesquisado em 08 de outubro 2019.

<sup>14</sup> In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. in: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa106837/mercedes-baptista>>. Acesso em: 10 de outubro 2019.

<sup>15</sup> MATTOS e ABREU, 2014.





mundo. Com o prestígio conquistado, a bailarina introduziu como disciplina a dança afro-brasileira, na Escola de Dança do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. As relações estabelecidas com Katherine Dunham foram observadas por Mattos e Abreu, como fator detonador da explicitação da identidade cultural negra, sobretudo, afro-brasileira no trabalho de Mercedes Batista. O que era estética ampliava seu sentido para a discussão e engajamento político, militante. A dança era a linguagem artística de algo muito maior, a autonomia e orgulho de pertencer a negritude em sua plena acepção.

Visitando o Brasil em 1950, Katherine Dunham foi recusada em um importante hotel em São Paulo, com grande repercussão, o que parece ter tido influência na aprovação da Lei Afonso Arinos, em 1951. É importante destacar que Duham também tinha formação em antropologia e etnografia e chegou a estudar a dança negra no Caribe em estreito diálogo, nos anos 40, com Melville Herskovits, reconhecido por suas pesquisas sobre a diáspora africana nas Américas. A descoberta da África nos Estados Unidos e nas Américas deve ter, sem dúvida, marcando a trajetória de Mercedes Baptista e a performance de sua companhia de Balé, chamada também de Ballet Folclórico. Suas coreografias sobre danças de escravos, sambas, macumbas e candomblés tornaram-se sempre presentes em sua carreira<sup>16</sup>.

Mercedes, a partir de 1960 foi responsável por coreografias no desfile de escolas de samba. Sua relação com o Salgueiro foi constante nos anos 1960 e sua primeira incursão foi no enredo "O Quilombo dos Palmares". Dois momentos em que o trabalho da coreógrafa se destacou na agremiação foram os carnavais de 1963 e 1964. No primeiro ano, apesar da polêmica sobre a invasão de outros ritmos no samba, a criação da coreografia do minueto foi um dos pontos altos do desfile campeão do Salgueiro. A narrativa de Haroldo Costa nos ajuda a compreender a centralidade do trabalho de Mercedes Batista no emblemático desfile salgueirense.

Pela primeira vez, na história do carnaval carioca, um enredo foi centrado em uma personalidade feminina. Também pela primeira vez, um desfile de escola de samba apresentava uma ala coreografada. Com perucas, luvas e roupas de época, componentes da escola representavam doze pares de nobres dançando polca. A ala "o minueto" foi coreografada por Mercedes Baptista, a primeira bailarina negra do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Na época, a ideia causou polêmica e dividiu opiniões, recebendo críticas de sambistas mais tradicionais. Com o passar do tempo, as coreografias em alas e alegorias foram incorporadas por outras escolas<sup>17</sup>.

No carnaval seguinte, a coreógrafa seguiu o pedido do carnavalesco Arlindo Rodrigues, mas, segundo o *site* da Escola, o efeito não foi arrebatador como no ano anterior e foi acusado de ser um dos momentos que influenciaram na perda do título.

<sup>16</sup> JUNIOR, Paulo Melgaço da Silva. Mercedes Baptista - a criação da identidade negra na dança. Rio: Fundação Cultural Palmares, 2007.

<sup>17</sup> COSTA, 1984, p.165.



O enredo de 1964, sobre Chico Rei, foi desenvolvido pelo carnavalesco Fernando Pamplona, e o desfile foi confeccionado por Arlindo Rodrigues. [...]Devido ao sucesso do minueto apresentado no ano anterior, o carnavalesco Arlindo Rodrigues encomendou outras alas coreografadas para o desfile de 1964. Uma das alas, ensaiada pela bailarina Mercedes Baptista, apresentou uma coreografia extensa e excessivamente teatral. A ala representava uma passagem da história de Chico Rei, em que ele lava a cabeça numa pia batismal para retirar o pó de ouro escondido no cabelo. Durante a coreografia, integrantes da escola representando escravos, subiam em uma alegoria que representava uma pia de igreja e lavavam a cabeça. O excesso de coreografias atrapalhou a harmonia da escola. Na apuração das notas, a escola conquistou o vice-campeonato, apenas um ponto atrás da campeã Portela<sup>18</sup>.

Mercedes Baptista, além do trabalho no Teatro e no carnaval, coreografou também para o cinema, a televisão e ministrou cursos em Nova York e na Califórnia. O texto de Hebe Matos e Martha Abreu ressaltou a versatilidade da artista:

Além de ter atuado em companhias de balé, Baptista fez trabalhos para teatro, escolas de samba, televisão e cinema. Entre eles, destacamos a comemoração do Centenário da Abolição da Escravidão, em 1988. Nos dias 12 e 13 de maio, a coreógrafa foi a responsável pela parte dançante da Missa dos Quilombos, espetáculo concebido por João das Neves nos Arcos da Lapa e Paço Imperial.<sup>19</sup>

No encerramento do texto, as historiadoras ressaltaram a importância da bailarina e coreógrafa e buscaram incitar novos trabalhos sobre a personagem, “Pelo que apresentamos, dá vontade de saber muito mais sobre a produção artística e a trajetória de Mercedes Baptista. Ela merece muitos outros olhares e investimentos de pesquisa”. A fala de Hebe e Martha apontou caminhos para desvendar histórias a partir da personagem, inspiradora fonte para se compreender a construção de uma identidade cultural negra no Brasil dos anos 1960/70.

### As Irmãs Marinho

O trio de bailarinas intitulado “irmãs Marinho” formado por Mary, Olívia e Norma representaram nos anos 1960 a beleza e a força das mulheres que participavam da vida e da arte dos Acadêmicos do Salgueiro. As artistas ligadas a espetáculos de cultura afro-brasileira atuaram no país e no exterior como embaixadores dos ritmos brasileiros e da manifestação da cultura das Escola de Samba.

Cultuadas e muito respeitadas no meio carnavalesco, as irmãs sintetizavam o ideal de beleza feminina negra e o sentido de amor ao samba em família.

<sup>18</sup> [www.salgueiro.com.br](http://www.salgueiro.com.br), pesquisado em 23 de dezembro de 2016.

<sup>19</sup> MATTOS e ABREU, 2014.



Inegavelmente, a partir de várias fontes consultadas<sup>20</sup>, a presença do trio era um dos grandes momentos que anualmente o público esperava para assistir no desfile. Se o início foi na Portela, os maiores triunfos e a identificação maior acabou se concretizando na Escola do bairro da Tijuca.

Foi no Salgueiro que Mary, Olívia e Norma se tornaram personalidades do carnaval carioca, protagonizando situações que serão citadas abaixo. Um pequeno texto no *blog* muitos carnavais, “Mary Marinho brilhando no Salgueiro” publicado em dezembro de 2016 relembrou a importância da bailarina Mary, uma das integrantes do sempre aguardado trio de irmãs.

Uma das irmãs Marinho, Mary comandou, em 1964, a ala dos Aguadeiros, atração dos Acadêmicos do Salgueiro. Ela compunha o Trio de irmãs e passistas do Salgueiro, as famosas irmãs Marinho (com mais Norma e Olívia). A passagem das Irmãs Marinho pela avenida dos desfiles era aguardada com muita ansiedade pelo público, que gritava seus nomes e as aplaudia com muito entusiasmo. A beleza do corpo e a evolução precisa deixava o espectador numa espécie de hipnose<sup>21</sup>.

Uma entrevista com o cartunista Lan, em fevereiro de 2015, destacou sua paixão pela cidade, pelas escolas de samba e pelas mulatas, sempre retratadas em suas caricaturas nos últimos anos nas páginas do Jornal *O Globo*. Sob o título, “O gênio do traço”, o jornalista Daniel Brunet apresentou o personagem e em determinado ponto comentou sobre a esposa de Lan, Olívia, uma das famosas passistas do Salgueiro.

Talvez por isso tenha resistido a se casar. Mas, aos 35 anos, trocou alianças com a mulata de sua vida: Olívia Marinho, das irmãs Marinho, as famosas passistas do Salgueiro da década de 1960. — Eu sempre fui contra o casamento. E continuo sendo. Mas sou a favor da Olívia — brinca, completando: — Todo mundo achava que essa coisa das mulatas era sacanagem. Mas eu me casei com uma. A mais linda de todas — elogia<sup>22</sup>.

A importância do trio e sua marca na história do carnaval carioca ainda é notícia. Na coluna de Ancelmo Góis, no Jornal *o Globo*, em novembro de 2018, uma nota comentava a pré-produção de um documentário sobre as bailarinas:

Vem aí o documentário “Irmãs Marinho”, as três irmãs que fizeram muito sucesso nos espetáculos de Carlos Machado, no Golden Room, e no carnaval dos anos 1960. O roteiro é de Haroldo Costa, por sinal casado com Mary, uma das irmãs. As outras são Norma e Olivia (esta última, casada com Lan).

<sup>23</sup>

<sup>20</sup> Site da agremiação, CABRAL (1996), COSTA (1984), site do jornal *Extra*, *Salgueiro faz a festa no carnaval do Quarto Centenário da Cidade do Rio*, in <https://extra.globo.com/noticias/carnaval/7255693.html>, publicado em 10/01/2013 e pesquisado em 10 de junho 2019.

<sup>21</sup> <http://muitoscarnavais.com.br/2016/12/05/513/>, pesquisado em 08 de outubro de 2019.

<sup>22</sup> <https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/o-genio-do-traco-561087.html>, pesquisado em 8 de outubro de 2019.

<sup>23</sup> <https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/irmas-marinho-vao-virar-documentario.html>, pesquisado em 10 de outubro de 2019.



Mas, quem foi Isabel Valença? Qual a sua história e trajetória? Por que ela se tornou um dos símbolos maiores da escola de samba GRES Salgueiro e o posto eternizado de destaque de carnaval? Por que a lembrança de sua presença é ainda evocada pelos antigos sambistas da escola?

### **Na folia carnavalesca carioca, um nome ganhou a eternidade: Isabel Valença**

O jornalista Julio César de Barros rendeu uma homenagem e narrou assim a trajetória de Isabel Valença:

Há 20 anos morria Isabel Valença. Um mito entre os destaques carnavalescos e campeã em desfile de fantasia do Teatro Municipal, no Rio, ela ficou marcada como a mais perfeita Chica da Silva que já pisou o asfalto durante o Carnaval. Isso em 1963, num tempo em que não se recrutavam destaques entre os famosos da TV. Tempo em que os destaques saíam no chão, desfilando entre passistas e alas de evolução e não sobre carros alegóricos. A mulata era bonita, tinha personalidade e era a mulher do homem forte do Salgueiro, Osmar Valença.<sup>24</sup>

O jornalista, analisando o desfile de 1963 procurou elucidar certo equívoco na memória evocada sobre Isabel Valença e a sua personagem mais emblemática. A simbiose entre a personagem e a intérprete, pela força de sua performance e pelos obstáculos sociais vencidos tal qual da personagem retratada conferiram a Isabel essa dupla personalidade, atribuída pelos componentes da escola e por todos que gravitavam no universo das escolas de samba.

Mas na verdade, no 28º Baile de Gala do Teatro Municipal do Rio, Isabel Valença desfilou fantasiada de Rainha Rita de Vila Rica, do enredo *Chico Rei*, do Carnaval de 1964. A confusão dos estudiosos se deve talvez ao fato de que a partir daquele desfile de 1963 Isabel passou a ser chamada de a Chica da Silva do Salgueiro. Quando ela despontava na avenida, o público gritava “lá vem a Chica da Silva”. O jornalista carioca Claudio Vieira narra a performance que a consagrou, fundindo a imagem da sambista com a personagem, numa coreografia desenvolvida exclusivamente para o desfile por Mercedes Baptista, primeira bailarina negra do corpo de baile do Municipal: “O Salgueiro investira 40 milhões e 200 mil cruzeiros naquele desfile. Só a fantasia de Chica da Silva, usada por Isabel Valença, custara 1 milhão e 300 mil. A peruca, criação de Paulo Carias, media um metro e dez de altura, ornada de pérolas. A roupa tinha uma cauda de sete metros de comprimento e anáguas com armação de aço, quando o normal seria arame. Chica seria representada pela atriz Zélia Hoffman, famosa vencedora de concursos de fantasias do Teatro Municipal.<sup>25</sup>

---

<sup>24</sup>BARROS, Júlio Cesar. *Nunca houve um destaque como Isabel.in veja.abril.com.br/blog/passarela/figuracas/, publicado em nunca-houve-um-destaque-como-isabel*, publicado em 27/12/2010, pesquisado em 16 de março de 2012.

<sup>25</sup> Idem, idem.



A análise de Júlio Cesar seguiu narrando episódios onde esse efeito tornou-se geral, expandindo das classes sociais de onde Isabel fazia parte até as esferas de nobreza dos países europeus. O jornalista exaltou a sua trajetória, que inevitavelmente estabelecia paralelos com a história de Chica da Silva, pois, “Assim, a sambista e a personagem se fundiram numa só lenda carnavalesca. Ao ponto dela ser convidada para, vestida de Chica da Silva, participar da recepção a Lord Moutbatten, o bisneto da Rainha Vitória, que visitava o país.”<sup>26</sup>

Sobre Isabel Valença, notabilizada assim no desfile de 1963, Haroldo Costa narrou uma curiosidade que tornou peculiar a sua presença na escola naquele desfile. Ela era a esposa do presidente da agremiação e poderia desfilar em qualquer posição, sobretudo como destaque, mas o que quase impedia sua presença era uma obrigação espiritual que ela convencida pelo carnavalesco Arlindo Rodrigues precisou pedir licença ao seu pai-de-santo que lhe destinou nova obrigação ganhou. Assim, Isabel conseguiu a “liberação” para desfilar.<sup>27</sup>

A narrativa do jornalista Haroldo Costa demonstrou que as relações entre o universo das escolas de samba com os terreiros de candomblé se constituíam em laços fortes de respeito e permissão. Essa ligação intensa foi uma das marcas fortes do início das escolas e que perduram até os dias atuais. No caso de Isabel, a permissão para a quebra do “compromisso” não lhe trouxe problemas e ainda possibilitou que ela se imortalizasse no imaginário popular e se consagrasse nas páginas da crônica carnavalesca.

A vitória incontestável do Salgueiro abriu inúmeras possibilidades para a escola e seu prestígio alcançou força e o nome da agremiação, a partir desse carnaval, se tornou um marco no universo das escolas de samba. As palavras de Haroldo Costa descrevendo a espera pelo resultado e a dimensão que o desfile sobre Chica da Silva impactou os demais espaços socioculturais do país merece um registro.

O mito de Chica da Silva se espalhou pelo Brasil afora e chegou até o exterior. A revista norte-americana *Time*, na sua edição de 1º de março daquele ano, saiu com um artigo sobre a escola e seu desfile, tendo como ilustração uma fotografia de Isabel Valença experimentando a peruca de 1 metro e 10 centímetros de altura. O texto da reportagem fazia um histórico do enredo, do número de componentes e da quantia gasta para realizar o desfile.<sup>28</sup>

---

<sup>26</sup> Idem, idem.

<sup>27</sup> COSTA, 1984, p.131-132.

<sup>28</sup> Idem, idem, p.134.



O jornalista prosseguiu narrando a história da escola retratando a expectativa criada para o carnaval de 1964 e como a vitória da agremiação tijuicana possibilitou que o Salgueiro ganhasse projeção nacional e virasse um modismo para os cariocas.

Realmente, a campanha para o bi logo começou. Era incontestável o prestígio da escola. Diversas cidades queriam apreciar a beleza de Chica da Silva e do seu desfile. Todo fim de semana, dezenas de ônibus saíam com passistas, ritmistas, destaques, tudo para apresentações em clubes, praças e estádios. Mais um fato inédito também acontecia, o samba de Noel Rosa de Oliveira e Anescarzinho entrava nas paradas de sucessos das emissoras de rádio, através da gravação pós-carnaval de Monsueto Menezes, [...]Virou moda ser salgueirense.<sup>29</sup>

Assim sendo, as irmãs Marinho, Paula, Mercedes Batista e Isabel Valença conquistaram muito destaque nos desfiles dos anos 1960. Para representar esse ponto de destaque algumas matérias do *Jornal do Brasil* na cobertura carnavalesca em 1965.

### **O protagonismo das mulheres do Salgueiro no carnaval de 1965**

A importância da passista Paula transcendia a avenida dos desfiles. Nas páginas do *Jornal do Brasil*, no período pré-carnavalesco, a sambista era retratada por ser uma das maiores atrações de um espetáculo teatral em cartaz na cidade, na zonal sul do Rio de Janeiro. A profusão de ritmos e o interesse pela cultura afro-brasileira motivou um grande número de artistas a difundir a cultura negra e o público da zona sul carioca, respondia ao interesse, lotando os espetáculos.

A nota intitulada “A estrela do samba” trazia em primeiro plano a foto de Paula com um traje estilizado de baiana, mas com um turbante coroa sobre a cabeça. Na legenda, abaixo da foto da passista, o texto ressaltava a sua performance e o destaque aos ritmos e cultura afro-brasileira, “Dos pregões ao samba, passando pelo batuque, a capoeira, o lundu e o candomblé, o Teatro de Arena da Guanabara está apresentando todas as noites o show 400 & Ritmos, cuja estrela é Paula do Salgueiro”<sup>30</sup>.

A bailarina e coreógrafa Mercedes Batista também foi notícia no período que antecedeu o carnaval de 1965, na coluna “Segunda Seção”. O contrato que a artista havia assinado comprovava sua *expertise* na pesquisa e divulgação dos ritmos afro-brasileiros e o interesse que eles despertavam pelo mundo afora, “Mercedes Batista foi contratada pelo empresário Raymond Guiller para fazer exhibições de samba em dez capitais europeias”. E a matéria prosseguiu, “Sua ideia é levar uma escola de samba, com programa a cumprir também nos países da Cortina de Ferro”.<sup>31</sup>

---

<sup>29</sup> Idem, idem, p.136.

<sup>30</sup> *Jornal do Brasil*, 14/02/65, Caderno B, p.3.

<sup>31</sup> *Jornal do Brasil*, 26/02/65, p.10.



Na matéria “Dez grandes pedem passagem para passar as 19h”, mais uma vez o texto sobre a expectativa com o desfile da agremiação tijuicana recaía na presença de Isabel Valença em sua esperada luxuosa fantasia, “a escola tem como atração as fantasias de destaque, principalmente a de Isabel Valença, a famosa Chica da Silva, que ganhou o concurso do Teatro Municipal do ano passado e anuncia para o desfile deste ano uma das fantasias mais caras do carnaval”<sup>32</sup>.

Na matéria “Desfile das escolas de samba será o mais rico de todos os tempos”, estampada nas páginas do JB podemos perceber a importância das mulheres dos Acadêmicos do Salgueiro. Na foto em destaque aparecem Isabel Valença, trajada como Chica da Silva, recepcionando na pista do aeroporto Galeão uma das irmãs marinho. A legenda não esclarece quem é a irmã e a identifica como a que morava na Itália<sup>33</sup>.

O ano de 1965 foi para as agremiações cariocas um momento de celebração, pois a cidade do Rio de Janeiro comemorava seus 400 anos de fundação. A proposta do organizador do Carnaval, o Departamento de Turismo foi aceita pelas Escolas de samba para realizar um desfile temático inteiramente sobre a “cidade maravilhosa”.

O Salgueiro procurou apresentar uma proposta diferente, “História do Carnaval Carioca”. Segundo o jornalista Gustavo Melo, essa ousadia coube ao carnavalesco Fernando Pamplona, que “[...] de volta ao Brasil depois de uma temporada de dois anos de estudos na Europa, sentenciou: “Vou bancar Shakespeare, que com Hamlet contou a história do teatro dentro do teatro”. Finalizando sua lógica, o carnavalesco ainda apontou: “Eu vou fazer o carnaval dentro do carnaval, baseado no livro da jornalista Eneida de Moraes”<sup>34</sup>.

Para compreendermos a importância das mulheres do Salgueiro, vivenciada no carnaval do quarto centenário, a narrativa de Haroldo Costa rememorou a campanha feroz que o então influente jornalista Sergio Bittencourt, nas páginas do Jornal *Correio da Manhã*, manteve ao longo do período de janeiro e fevereiro de 1965. Na matéria intitulada “Crônica antipática”<sup>35</sup> incitava o público a se posicionar contra os profissionais de outras áreas artísticas que estavam “invadindo” a passarela do samba. Uma das Escolas que apresentava o maior número de artistas conhecidos era o Salgueiro, portanto a expectativa negativa era uma realidade que preocupava os

<sup>32</sup>Jornal do Brasil, 26/02/1965, Caderno B, p.3.

<sup>33</sup>Jornal do Brasil, 28/02/65, p. 3. 28/02/65.

<sup>34</sup>MELO, João Gustavo. Salgueiro faz a festa no carnaval do Quarto Centenário da Cidade do Rio. Publicado em 10/01/13. In <https://extra.globo.com/noticias/carnaval/carnaval-historico>, pesquisado em 8/10/2019.

<sup>35</sup> A referência deste texto está centrada na narrativa de COSTA, 1984, p.150.



dirigentes e os carnavalescos da agremiação. No dia do desfile, nas palavras de Gustavo Melo, o carnavalesco Fernando Pamplona tomou suas providências para o “combate” que aconteceria no desfile salgueirense, sexta Escola a entrar na avenida no domingo de carnaval.

A coluna repercutiu. Fernando Pamplona, então, resolveu mudar, já na concentração a armação da escola e trouxe à frente da agremiação as Irmãs Marinho, grupo formado pelas belas negras Olívia, Mary e Norma. “Olha aí, o negócio é o seguinte, vocês vão abrir a escola. Se tiver que vir vaia, vocês vão ser as primeiras a receber. Topam?” Elas toparam. E o som que se ouviu foi muito diferente do que esperava Pamplona.<sup>36</sup>

Nesse momento, a ação de Pamplona e a coragem do trio de irmãs foi determinante para “virar o jogo”. Da possível desestabilizadora vaia à consagração, desde a arrancada da Escola, a participação das irmãs Marinho se tornou mítica e o título alcançado no emblemático carnaval reservou um lugar de destaque a essas mulheres negras que encarnavam a essência do gênero feminino nas escolas de samba e em especial, na vermelho e branca da Tijuca.

As três irmãs entraram enlouquecendo a avenida com belas evoluções. Elas representavam o triângulo amoroso mais famoso da história do carnaval: pierrô, arlequim e colombina. Jorge Calça Larga, filho do baluarte da escola Casemiro Calça Larga, vestiu-se de Rei Momo. Um belo carro alegórico ornado de flores era a própria representação do corso.<sup>37</sup>

A presença de Isabel Valença era também apontada pela imprensa<sup>38</sup> como ponto forte da apresentação do Salgueiro. Naquele 1965 não foi diferente, sobretudo após a consagradora vitória no concurso de fantasias do Teatro Municipal, no ano anterior, que comentaremos com mais detalhes mais adiante. A comoção popular premiou o desfile da agremiação.

Isabel Valença, novamente majestosa, representou a personagem que a havia consagrado dois anos antes. Era revivido, na pista, o sucesso de Xica da Silva. Das janelas da Avenida Presidente Vargas e das arquibancadas, confetes e serpentinas saudavam a passagem da vermelha e branca, que a cada ala e cada passista era recebida com mais e mais aplausos. Com um visual mais leve e muito bem trabalhado, o Salgueiro conquistou os jurados, que lhe deram a primeira colocação.<sup>39</sup>

O ano de 1965, de fato, ganhou grande projeção no imaginário carnavalesco carioca e, principalmente, para o Salgueiro. A vitória cria situações que se tornam míticas e pelo texto apresentado no *site* da agremiação, as mulheres retratadas neste

<sup>36</sup> Idem, idem.

<sup>37</sup> MELO, 2013.

<sup>38</sup> COSTA, 1984, p.149.

<sup>39</sup> Site do Salgueiro, in [www.salgueiro.com.br](http://www.salgueiro.com.br), pesquisado em 23 de dezembro de 2016.





artigo foram todas nomeadas e destacadas como presenças importantes e inspiradoras no título conquistado.

A escola foi bem recebida pelo público, sendo saudada com confetes e serpentinas. As irmãs Marinho - Olívia, Mary e Norma - abriram o desfile representando o triângulo amoroso formado por Pierrot, Colombina e Arlequim. Na comissão de frente, posição onde desfilavam integrantes da velha guarda, a escola inovou ao apresentar vinte rapazes da comunidade, vestindo fantasias de burrinhas, confeccionadas de vime e desenhadas por Joãozinho Trinta, representando o cortejo em homenagem à chegada da corte de D. João VI ao Rio de Janeiro - evento considerado o primeiro carnaval da cidade. Um calhambeque da década de 1930, ornamentado com flores, representava os corsos. Isabel Valença novamente desfilou representando Chica da Silva. A destaque de chão Paula, representou Tia Ciata. Casais de Mestre-sala e Porta-bandeira portavam pavilhões de outras escolas de samba. O desfile terminou relembrando os carnavais na Praça Onze. Na apuração das notas, o favoritismo da Acadêmicos do Salgueiro foi confirmado, e a escola conquistou o seu terceiro título de campeã do carnaval carioca, com a ampla vantagem de dez pontos de diferença para a vice-campeã Império Serrano.<sup>40</sup>

Na análise dos desfiles do carnaval de 1965 escrita pelos jornalistas Juvenal Portela e Mauro Ivan, as mulheres famosas do Salgueiro foram ressaltadas. Isabel Valença e as Irmãs Marinho foram citadas. A passista Paula não ganhou destaque nesta breve resenha, mas, como vimos anteriormente, ela era presença constante na cobertura teatral e carnavalesca nas páginas do periódico.

A Salgueiro abriu seu desfile com as Irmãs Marinho e um conjunto de cavalinhos de vime, que causaram um grande impacto na Avenida. Daí para trás, a escola exibiu sempre fantasias muito bem trabalhadas e desenvolvendo o enredo difícil com muita inteligência. Isabel Valença voltou a ser o maior destaque da escola, apresentando uma nova fantasia de Chica Silva, como sempre muito rica e sendo muito aplaudida.<sup>41</sup>

Outro ponto que ajuda a compreender a importância das mulheres do Salgueiro foi a vitória de Isabel Valença no concurso de fantasias do Teatro Municipal em 1964.

### **O concurso de Fantasias do Teatro Municipal: preconceito e superação**

O drama pessoal de Isabel na tentativa de participar do concorrido concurso extrapolou o âmbito do mundo do samba e ganhou as páginas dos jornais. Acompanhando a cobertura do *Jornal do Brasil*, nos preparativos do carnaval de 1964, o nome de Isabel Valença já havia se tornado uma referência. Quando se falava do Salgueiro, invariavelmente as atenções eram voltadas para ela, transformada no maior

<sup>40</sup> [www.salgueiro.com.br](http://www.salgueiro.com.br), pesquisado em 23 de dezembro de 2016.

<sup>41</sup> *Jornal do Brasil*, 04/03/65, caderno B, p. 6.



destaque da escola. Na matéria “Escolas desfilam domingo 100 milhões em fantasias”, os jornalistas Luis Paulo e Mauro Ivan, citavam a nossa personagem.

[...] No Salgueiro, por exemplo, as 800 figuras que deverão apresentar-se na Avenida gastaram nas fantasias um total de Cr\$ 7 600 mil, sem se falar de Isabel Valença, a *Chica de Silva* do ano passado, que chegará ao milhão de cruzeiros e é a mais cara da escola. Este ano, Isabel Valença sairá de *Rainha*, fazendo o destaque mais importante, ao lado de Neca da Baiana, velho sambista que será a figura central do enredo como Chico Rei.<sup>42</sup>

Ainda na mesma edição, com o sugestivo título de “Salgueiro troca Chica por Chico para tentar ser bi”, novas referências a Isabel Valença e o papel que lhe caberia representar no desfile de 1964.

O Salgueiro trocou no enredo a Chica da Silva do ano passado pelo Chico Rei deste ano, reuniu o maior número de figurantes de sua história – cerca de três mil -, pôs nova fantasia de luxo na sua Isabel Valença, ensaiou durante quatro meses e tentará, com base em tudo isso, repetir o sucesso de 1963, quando arrancou delirantes aplausos dos milhares de espectadores, que a aguardaram até de madrugada, e pontos da comissão julgadora, necessários para se tornar campeã, pela primeira vez na sua vida. Embora tenha, na verdade, vivido durante todo o ano da fama de seu principal destaque e do cartaz conseguido com o belo carnaval que mostrou, os Acadêmicos do Salgueiro têm uma responsabilidade maior que a de um campeão comum: a de tornar outra vez feliz aquele que até o seu coração deu à escola, o primeiro a chegar e o último a sair dos ensaios, o mais humano personagem da sua própria história, Casimiro Calça Larga.[...]<sup>43</sup>.

. Se em 1963, Isabel atingiu a “fama” pela beleza e por ter encarnado com perfeição a personagem Chica da Silva, o ano seguinte, por conta de outras batalhas reforçaria a sua personalidade, tornando-a, com efeito, um mito, do Salgueiro, da presença feminina nas escolas de samba, como retratou o jornalista Julio Cesar Barros.

[...] Em 1964 ela rompeu barreira ao vencer o concurso de fantasias na categoria luxo feminino no Teatro Municipal, um palco muito distinto da passarela do samba, causando espanto e euforia. As madames e os modistas veteranos do concurso torceram o nariz de início e protestaram ao final, mas tiveram de engolir a façanha da moça do morro que se consagrou no asfalto e desbancou a todos no salão. Num trabalho acadêmico sobre o personagem, Paulo B. C. Schettino, mestre em Cinema e doutor em Ciências da Comunicação, assim descreveu a glória: “Da passarela do samba, leia-se, o asfalto da avenida, (Chica da Silva) salta para os desfiles de fantasia de clubes fechados, em função do brilho, repercussão e o sucesso alcançados. Foi a glória de uma escola de samba – o Salgueiro - e de Isabel Valença, a passista que lhe emprestou o corpo”. Segundo Cíntia Rabaçal, “a mulata Isabel Valença foi a primeira cidadã afro-brasileira a entrar no baile mais chique e concorrido da cidade, o Baile do Municipal, disputando e vencendo o concurso de fantasias que acontecia durante o baile, numa belíssima

<sup>42</sup> Jornal do Brasil, 06/02/64, Capa, Caderno B.

<sup>43</sup> Jornal do Brasil, 06/02/64, Caderno B, p.6.



representação de (sempre ela...) Chica da Silva, enredo da escola naquele ano”.<sup>44</sup>

Entretanto, o drama pessoal de Isabel ao tentar participar do concorrido concurso de fantasias de luxo no Teatro Municipal, extrapolou o âmbito do mundo do samba e ganhou as páginas dos principais jornais cariocas. O título da matéria, “Preconceito de fantasia no Municipal” ressaltava a conotação negativa que o caso havia tomado.

Os organizadores do Concurso de Fantasias do Teatro Municipal negaram inscrição ontem à fantasia Vila Rica, de Isabel Valença, a mulata que fez o papel de Chica da Silva na Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, no ano passado, sob o pretexto de que o Teatro não pode admitir fantasias já exibidas em desfiles de rua<sup>45</sup>.

Uma ampla matéria abordou o assunto, que se tornou centro de uma polêmica, revelando por um lado as bases do preconceito racial da “elite carioca” e por outro, um episódio, onde se reivindicava a conquista de espaços sociais relevantes. A coluna Samba Cá entre nós deu grande ênfase ao conflito, estampando o título da matéria: “Municipal recusou a inscrição de Isabel Valença”, realçando um subtítulo que identificava Isabel por seu nome/personagem, “Chica sem vez”.

A mulata Isabel Valença, famosa Chica da Silva, que desfilou no ano passado pela Acadêmicos do Salgueiro, foi impedida ontem de tarde de apresentar sua nova fantasia – Vila Rica – no concurso do Teatro Municipal sob a alegação de que “não são permitidas as inscrições de fantasias que desfilam em escolas de samba”, item, que, no entanto, não consta do regulamento feito pela coordenação do concurso<sup>46</sup>.

A situação ganhou uma repercussão inesperada para os organizadores do concurso. Talvez, apostando na aceitação passiva de Isabel, com a recusa de sua inscrição, o coordenador do evento se viu tentando explicar o inexplicável.

O Sr. Ribeiro Martins, coordenador do concurso, que não soube explicar porque o regulamento não foi cumprido e a inscrição de Isabel Valença aceita, acrescentou que “agora não poderia mais deixar que ela se inscrevesse”, pois, segundo o mesmo regulamento, o prazo esgotou-se ontem. Para o Sr. Ribeiro Martins, o caso da rejeição de Isabel Valença no concurso do Municipal “é delicado e devia estar previsto no regulamento que mostrou ser falho”. - Eu não tomei conhecimento do caso, pois não estava presente portanto, não posso opinar sobre ele. No entanto – continuou o coordenador do concurso – teria que tomar uma atitude se estivesse presente e não posso afirmar qual ela seria. O fato é que as fantasias de escolas de samba não podem concorrer no desfile do Municipal, que é feito para fantasias de baile. Sem saber explicar o veto à inscrição de Isabel Valença, sem ao menos deixarem que ela tomasse conhecimento do regulamento e sob a argumentação de que existia um item

<sup>44</sup> Jornal do Brasil, 07/2/64, p. 13.

<sup>45</sup> Jornal do Brasil, 07/02/64, capa.

<sup>46</sup> Jornal do Brasil, 8/2/64, p. 5.



a respeito, o Sr. Ribeiro Martins disse: - Isso não estava previsto porque nunca aconteceu<sup>47</sup>.

O episódio se tornou dramático e até comovente. A tristeza de Isabel e a tentativa de justificar a proibição de sua participação revelavam o preconceito velado em relação às comunidades das agremiações, em sua maioria compostas por negros e mulatos. Aparentemente nada podia impedir a inscrição de Isabel e o que podia ser alegado, como a questão de serem vetadas qualquer fantasia ou indivíduo que pudesse vir a ser acusado de “atentar aos bons costumes”, era uma via que escondia o preconceito racial e social da organização do evento para com a sambista e o seu marido.

Isabel Valença, que chegou ao Teatro Municipal cerca de 17h 30 m em companhia de seu marido Osmar Valença, saiu logo em seguida, mostrando-se triste “por não poder exhibir a fantasia”, porém mais preocupada em terminá-la para o desfile das escolas de samba, depois de amanhã. Osmar Valença, ao saber que não constava no regulamento o item alegado para impedirem que sua mulher se inscrevesse, ficou revoltado e disse que “infelizmente não poderia recorrer a ninguém, pois estava de viagem marcada para São Paulo, onde foi comprar material para o carnaval da Acadêmicos do Salgueiro. A cláusula, única, que dispõe sobre a eliminação ou não aceitação de candidatos no Concurso de Fantasias, segundo o regulamento entregue aos concorrentes pela Coordenação do Concurso é a seguinte: Cláusula sexta – O coordenador e os demais componentes do júri terão autoridade de eliminar sumariamente, no ato da primeira apresentação (na plateia) do Teatro, toda e qualquer fantasia que não satisfaça às exigências deste regulamento, ou seja, que já tenham sido exibidas em concursos de anos anteriores, mesmo com modificações atualizadas, ou que atentem à moral e aos bons costumes<sup>48</sup>.

Haroldo Costa também retratou este fato marcante, relacionado com a história do Salgueiro e dos desfiles das escolas de samba, narrando todo o processo dramático da tentativa de inscrição e a sua recusa pelos organizadores do baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Não obstante a bela impressão visual que causou, o Salgueiro não saiu da avenida com pinta de campeão, muito menos de bicampeão. Na noite seguinte, porém, a escola criou mais um fato importante na história do carnaval desta cidade. Alguns dias antes do início do período carnavalesco, os jornais tinham noticiado que a comissão julgadora dos desfiles de fantasias do baile do Teatro municipal havia recusado a inscrição de Isabel Valença, que desfilaria com a fantasia “Rainha Rita de Vila Rica”, porque o regulamento vetava a participação de trajes que já houvessem sido exibidos, ainda que modificados. E a fantasia de Isabel seria apresentada um dia antes no desfile das escolas de samba. (COSTA, 1984, p. 141)

No dia seguinte, o Jornal do Brasil voltou a noticiar o caso. Sob o título de “Municipal volta atrás e deixa Chica da Silva concorrer”, ganhou grande espaço na

---

<sup>47</sup> Idem, idem, idem.

<sup>48</sup> Jornal do Brasil, 8/2/64, p. 5.



coluna “O Samba cá entre nós”, de Luis Paulo e Mauro Ivan. Todo esse movimento aconteceu em pleno sábado de carnaval.

O Assessor do Diretor do Teatro Municipal, Sr. Milton Marcos, disse ontem ao JORNAL DO BRASIL que Isabel Valença, a Chica da Silva dos Acadêmicos do Salgueiro no carnaval passado, pode ainda inscrever-se para o desfile de fantasias do baile daquele teatro, esclarecendo que o suposto incidente ocorrido com ela deve-se à falta de lembrança da funcionária encarregada das inscrições de consultar a Diretoria do teatro sobre o assunto. Adiantou que mesmo se já estivessem encerradas as inscrições do desfile, Chica da Silva seria considerada inscrita, em virtude do mal-entendido que houve. Afirmou ainda que no caso não houve qualquer parcela de racismo, porque muitas pessoas de côr já se encontram inscritas êste ano, como no ano passado também se inscreveram<sup>49</sup>.

Com efeito, se não houvesse a cobertura da imprensa esse episódio passaria despercebido. Entretanto, a fama conquistada por Isabel no desfile do Salgueiro lhe deu grande notoriedade. Durante todo o ano de 1963, além de estampar as capas de jornais e revistas, Manchete (Brasil), Time (EUA), entre outras, Isabel se tornou uma espécie de “embaixatriz” dos Acadêmicos do Salgueiro. O caso foi tão comentado, ganhando tanta repercussão que a intervenção do Governador da Guanabara, Carlos Lacerda, se fez necessária. A narrativa de Haroldo Costa destacou a rápida ação do político no sentido de reverter aquela decisão inicial.

O Jornal do Brasil publicou uma entrevista onde acusava de racismo os organizadores do desfile. O Governador Carlos Lacerda estava inaugurando uma caixa-d’água no morro, quando a professora Sandra Cavalcanti, que fazia parte do seu secretariado, deu-lhe o jornal para ler. Na mesma hora, fazendo uma declaração pelas emissoras de rádio que estavam presentes à cobertura, ele ordenou que fosse aceita a inscrição de Isabel Valença.<sup>50</sup>

O fato do governador estar naquele momento no morro do Salgueiro acelerou a urgência da resolução do imbróglio. A partir de então, exibindo certa contrariedade, os organizadores permitiram a inscrição de Isabel no concurso. Era a primeira vitória da sambista, vencendo as barreiras sociais que sua classe e sua cor queriam lhe imputar, mas, por teimosia e coragem, ela não admitia sucumbir.

O Sr. Milton Marcos disse que o Governador Carlos Lacerda lhe havia perguntado se Isabel Valença devia participar do desfile. Salientou que as ponderações do Coordenador do concurso de fantasias, Sr. Ribeiro Martins, foram no sentido de que o vestido a ser apresentado por Chica da Sila já terá desfilado no domingo pela Avenida Presidente Vargas, na Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro. - Mais isto agora é prôblema dela – acrescentou. A secretária do Sr. Ribeiro Martins, Srt.<sup>a</sup> Glória Rodrigues, que está a cargo das inscrições para o desfile de segunda-feira na passarela do Municipal,

<sup>49</sup> Jornal do Brasil, 09/02/64, p.4.

<sup>50</sup> COSTA, 1984, p.168.



informou que o encerramento dessas inscrições está previsto para as 14 horas de hoje.<sup>51</sup>

Na edição de domingo, a matéria “Chica inscreveu-se no Concurso do Municipal” retratou a alegria de Isabel. Estampada no *Jornal do Brasil*, o sorriso de Isabel parecia ser radiante com a sua primeira vitória e o trânsito livre para participar do concurso. Agradecida ao governador Carlos Lacerda, Isabel fazia planos para a sua participação no concorrido desfile de fantasias.

Isabel Valença, a mulata que ficou famosa vestindo a fantasia de *Chica da Silva*, no desfile da Acadêmicos do Salgueiro, no ano passado e que, este ano teve sua inscrição negada no concurso do Teatro Municipal, conseguiu ontem de manhã – cerca de 11 horas – inscrever-se, depois que a direção do teatro voltou atrás em sua atitude. Com sua nova fantasia, *Rainha de Vila-Rica*, mulher de *Chico-Rei*, figura central do enredo da Acadêmicos do Salgueiro, Isabel Valença desfilará hoje na Avenida Presidente Vargas e amanhã concorrerá aos prêmios do concurso de fantasias do Baile de Gala do Municipal. Isabel Valença, depois que o Governador Carlos Lacerda exigiu uma satisfação da direção do Teatro, foi ontem de manhã e se inscreveu, apesar do prazo ter terminado, já que havia sido prejudicada com a negativa inicial. Satisfeita, Isabel Valença foi sozinha ao Teatro Municipal, sendo bem recebida e ouvindo imediatas justificativas por parte dos funcionários responsáveis pelo concurso. Assim, ela desfilará sua *Rainha de Vila-Rica* pela Avenida Presidente Vargas, na noite de hoje, preocupada também em não estragá-la para o concurso de amanhã. - Isso não prejudicará minha apresentação – afirmou satisfeita Isabel Valença.<sup>52</sup>

Júlio Cesar Barros também atribuiu importância à intervenção do governador Carlos Lacerda para a “virada” desta história, pois ele “anulou a decisão dos organizadores do concurso, que queriam impedir a sambista de competir naquele palco privilegiado” e concluiu: “A conquista de Isabel foi sobretudo uma vitória da teimosia, da altivez, que ela exibiria ao longo de sua vida.”<sup>53</sup>

Vencida a primeira “batalha”, outras estavam por vir. Antes da aclamação popular, as tensões nos bastidores revelaram ações de preconceito social e racial. Haroldo Costa citou a atriz Wilza Carla, personagem bastante regular naquele universo dos desfiles de fantasias de luxo em sua explosão de fúria, quando Isabel Valença foi declarada vitoriosa e “avançou furiosa para Osmar Valença, exclamando: - Negro de escola de samba não pode ganhar no Municipal. Mais tarde Wilza atribuiu a frase a um desabafo impensado, mas Isabel ficou muito magoada.”<sup>54</sup>

<sup>51</sup> Jornal do Brasil, 09/02/64, p.4.

<sup>52</sup> Jornal do Brasil, 13/2/64, p. 7, caderno B.

<sup>53</sup> BARROS, 2010.

<sup>54</sup> COSTA, Haroldo. *Salgueiro: Academia do Samba*. Rio de Janeiro: Record, 1984, p.141.



A narrativa de Haroldo prosseguiu enaltecendo o feito de Isabel, naquele episódio. Com efeito, o jornalista ressaltou o acontecimento em sua dimensão simbólica, pois tudo aquilo que a vitória proporcionou foi abrir portas para os componentes das escolas de samba, das pessoas humildes, pobres, negras, mulheres, num caminho futuro de reconhecimento social. O resultado final, como atestou Haroldo, foi emocionante.

Como era de hábito, por volta da meia-noite o baile parava para a apresentação das fantasias vitoriosas nas diversas categorias. Na maioria das vezes, os foliões manifestavam uma certa hostilidade, mas naquela noite foi diferente. Quando o coordenador do desfile, Antônio Ribeiro Martins, anunciou Isabel Valença com sua fantasia premiada, o salão inteiro, sem que ninguém ordenasse ou comandasse, começou a cantar o samba Chica da Silva. Foi um grande momento, um belo momento, desses que marcam a memória e o sentimento das pessoas.<sup>55</sup>

Todo o esforço de Isabel e o desfecho “apoteótico” do episódio foi um marco na História das mulheres, do carnaval, dos desfiles das escolas de samba e da GRES Acadêmicos do Salgueiro. A cobertura pós-carnavalesca, do *Jornal do Brasil*, comentando sobre o Concurso do Municipal noticiou:

Nove mil pessoas espremidas nos salões do Municipal prestaram, às duas horas de domingo, uma homenagem inédita a um concorrente ao concurso de fantasias, aplaudindo de pé a mulata Isabel Valença, do Salgueiro, ganhadora do concurso de luxo deste ano com sua Rainha de Vila Rica. Isabel Valença, que 3 dias antes fora impedida de se inscrever pela direção do teatro, gastou mais de quatro milhões de cruzeiros na sua fantasia, tôda bordada de pedras semipreciosas e com uma enorme cauda. Isabel Valença desfilou de coroa à cabeça e sob um câro de milhares de vozes cantando o samba Chica da Silva, da criação que a tornou famosa.<sup>56</sup>

O que ganhou peso nesse episódio foi que Isabel encarnou com sua atitude toda a força simbólica que era ampliada por sua condição de mulher, negra e moradora dos bairros periféricos da cidade do Rio de Janeiro. Imbuída do “espírito” transgressor da sua personagem, tal qual Chica da Silva, Isabel Valença enfrentou as adversidades, os obstáculos e cumpriu seu papel, o de conquistar o espaço que ela acreditava ser dela, por direito. Esse caso é emblemático de todo um processo de lutas que, segregava os atores sociais, dos espaços centrais da cidade. Envolvidos nas agremiações desde o início dos desfiles das escolas de samba, os sambistas sentiam na pele a discriminação ou a “aceitação” pelo lado “exótico”, “folclórico” da manifestação escola de samba.

---

<sup>55</sup> Idem, idem, idem.

<sup>56</sup> Jornal do Brasil, 18/2/64, p. 5.



Grandes vitórias geram ódios proporcionais, que passada a euforia da conquista certos direitos precisam ser evocados. Rebatendo as acusações, Isabel foi além e fez questão de comprovar que sua vitória foi de fato e de direito e que não cabia “choro” de perdedores.

O Sr. Osmar Valença, contestando acusações que foram feitas à sambista Isabel Valença, que desfilou na Escola de Samba do Salgueiro como Chica da Silva e Rainha Canibinda, em 63 e este ano, declarou ao JORNAL DO BRASIL que vai hoje, a 17ª Vara Criminal requerer uma certidão para provar que não corre na Justiça qualquer processo contra sua mulher. A sambista Isabel Valença declarou, tranquila, que compreende bem a campanha de desmoralização que pretendem mover contra ela, atribuindo tudo “a natural magoa dos concorrentes”, e garantiu que jamais entrou num Distrito Policial e que a folha corrida da sua vida, fornecida pela Polícia, está à disposição dos que a detratam.<sup>57</sup>

Isabel Valença, assim venceu o concurso e entrou para a História do Carnaval carioca. Nos anos seguintes, o reconhecimento popular e a popularidade alcançada por conta da força da personagem Chica da Silva dotou Isabel como uma figura sempre em destaque nos desfiles do Salgueiro.

### Isabel Valença além de Chica da Silva

A própria definição de “destaque” passou por uma redefinição a partir do sucesso de Isabel, que estabeleceu um novo paradigma de comportamento e desempenho que a manteve sempre em posição de grande visibilidade, não só para sua agremiação de coração, mas no grande palco dos desfiles, a avenida principal.

Mas sua carreira não foi de uma personagem só. Em 1966, ela foi a Marquesa de Santos. O jornalista Gustavo Melo, ex-diretor cultural do Salgueiro, narra a apresentação espetacular da destaque como a amante de D. Pedro I, no enredo *Amores Célebres do Brasil*, em que contracenou com Clóvis Bornay, museólogo e carnavalesco dos desfiles de fantasia do Municipal, que além de montar o enredo saiu como o imperador, fazendo par com Isabel: “Isabel mirava seu olhar no julgador, hipnotizado pela postura da destaque. Até que alguém aplaudiu a performance, atitude seguida por todos próximos à cabine. A destaque continuava imóvel e cada vez mais altiva. Queria mais. Havia um *gran finale* a cumprir. Eis que todos se levantaram, aplaudiram de pé e ovacionaram em êxtase a personagem imortalizada na história como a amante do Imperador. E Isabel, como uma grande atriz, abriu um largo sorriso, reverenciou a todos que a aplaudiam calorosamente, saiu de cena e seguiu para mais uma consagração nos braços do povo”, contou Melo. A performance de Isabel não foi o suficiente para evitar que o Salgueiro, campeão de 1965, amargasse um mirrado quinto lugar.<sup>58</sup>

<sup>57</sup> Jornal do Brasil, 18/2/64, p. 5.

<sup>58</sup> BARROS, 2010.





Outros desfiles, novos personagens e mais sucessos na avenida. Em 67 foi Princesa Isabel, no enredo “História da liberdade no Brasil”, em 1968 foi Ana Jacinta, a “Dona Beija, a feiticeira de Araxá”. Nas palavras de Júlio Cesar, Isabel continuava sendo figura fundamental da Escola, mesmo depois do afastamento do marido da presidência. Um dos encantos de Isabel era, mesmo depois da fama, continuar fiel às origens, bordando sua própria fantasia e encantando na avenida.<sup>59</sup>

Haroldo Costa sintetizou o resultado do desfile de 1968 apontando para um fator novo naquele final da década de 1960. O alcance que os desfiles passaram a ter e a resposta do público de outros estados, quando eram retratadas figuras, personagens ou paisagens de seus estados alavancavam as possibilidades turísticas do local homenageado. Os mineiros de Araxá fizeram reverências ao Salgueiro, lisonjeados com a homenagem, escolhendo Isabel Valença, como grande personalidade que representava a própria Escola de Samba. Assim, ela foi agraciada com vários presentes, recebendo-os em nome de todos os componentes do Salgueiro.<sup>60</sup>

Em alguns momentos a relação de Isabel com os carnavalescos se tornou tensa. O ambiente do Salgueiro, sempre tão explosivo apresentava novo momento de “cataclismos” oriundos de vaidades e guerras de comando em pleno período de preparação do carnaval de 1970. Os comentários de Haroldo sobre o desfile, Praça Onze Carioca da Gema tiveram alguns pontos altos e outros negativos, entre eles a fantasia de Isabel Valença, que personificando Tia Ciata, apresentava um “luxo” desmedido, para retratar a personagem, que segundo o jornalista era extremamente simples.<sup>61</sup>

Voltando ao texto de Julio Cesar Barros, o tom de exaltação seguiu num crescendo e vários carnavais foram citados. Mesmo com o afastamento de Osmar Valença da presidência, Isabel Valença manteve a posição de destaque que ela exercia à frente da escola nos desfiles. Ao final da citação, o pesquisador fez a nota de falecimento de Isabel, que ocorreu no dia 25 de agosto de 1990, de arteriosclerose coronária. Seu destaque reforçou a reverência do mundo do samba em relação a essa personalidade, que encarnou em vida o ideal da sua personagem, Chica da Silva, que com certeza, ela ajudou a se tornar mais famosa em nosso país e no mundo.

---

<sup>59</sup> Idem, idem.

<sup>60</sup> COSTA, Haroldo. *Salgueiro: Academia do Samba*. Rio de Janeiro: Record, 1984, p.177.

<sup>61</sup> Idem, idem, p.185.



Ela foi ainda outros grandes vultos femininos no asfalto da passarela do samba. Foi Tia Ciata (1970), Ana Paz, amante de Maurício de Nassau (1971), Rainha de França, em 1974, ano em que a escola venceu com o enredo *O Rei de França na Ilha da Assombração*, de Joãozinho Trinta, que mais tarde se lembraria assim dos detalhes: "Eu fiz um grande vestido para a Isabel Valença, que começava nas palmeiras, sete negros carregavam sete pontas do vestido dela, que terminava nos bordados". O carnavalesco colocou-a, como aos demais destaques, pela primeira vez em seus carnavais, em cima de um carro alegórico. Ela foi também Moça Branca (a cachaça), no Carnaval de 1977, fantasia lindíssima que lhe valeu o Estandarte de Ouro de Destaque Feminino da Rede Globo. Foram muitas as personagens que a cabrocha representou com qualidade na avenida, culminando no Carnaval de 1987, em que saiu como ela mesma, Isabel Valença, no carro de abertura do enredo *E Por Que Não?*, no qual o Salgueiro fazia uma auto-homenagem. Em seu último desfile, em 1990, Isabel Valença voltou a vestir-se de Rainha de França, no enredo *Sou Amigo do Rei*, de Rosa Magalhães, que valeu à escola um terceiro lugar.<sup>62</sup>

### **A imprensa e o carnaval carioca: uma memória em constante construção**

Os exemplos de Isabel Valença e as demais mulheres salgueirenses exemplificam histórias de sucesso e de reconhecimento público destas artistas. O sucesso que a sambista alcançou se deu em grande parte por ser ela escolhida pela imprensa como uma personagem relevante, tanto do Salgueiro, como do carnaval e da própria cidade do Rio de Janeiro. Ao longo desses cinquenta anos a história da sambista em seu maior sucesso, Chica da Silva se mantém como memória sempre lembrada dos antigos carnavais e demonstra o quanto a sua história esteve entrelaçada às transformações que os desfiles passaram, tanto na questão temática quanto no lugar de destaque que as mulheres negras passaram a conquistar. A trajetória de luta contra os preconceitos, sempre lembrada pelos antigos sambistas nas entrevistas realizadas em minha pesquisa de doutorado<sup>63</sup>, ainda ecoam nos jornais, em tempos de cobertura pré-carnavalesca, até os anos recentes.

Assim sendo, a imprensa foi capital para transformar uma mulher de origem humilde, negra e moradora da periferia numa das referências na luta pela igualdade de direitos e do respeito que as mulheres exigiam a partir das lutas por igualdade de direitos, nos anos 1960. Isabel Valença, entretanto, foi além e em sua simbiose com a personagem Chica da Silva se tornou "imortal", principalmente para suas contemporâneas, mulheres negras e dos subúrbios cariocas. O feito de Isabel se estabeleceu como memória poderosa de um ato libertador. No pós-abolição, período longo e perceptível ainda nos nossos dias, a vitória de Isabel foi e continua sendo

---

<sup>62</sup> BARROS, 2010.

<sup>63</sup> FARIA, Guilherme José Motta. *Nem melhor nem pior. Os Acadêmicos do Salgueiro e a história dos negros nos desfiles dos anos 1960*. Rio: Multifoco, 2015.



alimentada como uma vitória da mulher negra, pobre, sambista das Escolas de Samba e moradoras das periferias da cidade do Rio de Janeiro.

Isabel Valença não era um enredo e sim uma mulher que encarnou, assim como a personagem que lhe deu fama, Chica da Silva, uma história que também simbolizava postura de luta e transcendência das barreiras sociais. Todo o drama vivenciado pela sambista ajudou a conferir ao Salgueiro essa aura mítica de escola que apresentava a luta do negro por respeito e consolidação de seu espaço social. Esse mote narrativo, exaltando momentos de luta ou estratégias de superação das barreiras sociais, possuía também uma vertente de denúncia contundente do passado escravista e das formas de resistência que os negros encontraram para superar essas dificuldades impostas.

**Data de submissão:** 15/10/2019

**Data de aceite:** 21/07/2020



## Referências bibliográficas

BARROS, Júlio Cesar. **Nunca houve um destaque como Isabel**. In: [veja.abril.com.br/blog/passarela/figuracas/](http://veja.abril.com.br/blog/passarela/figuracas/), publicado em nunca-houve-um-destaque-como-isabel, publicado em 27/12/2010, pesquisado em 16 de março de 2012.

CABRAL, Sérgio. **As escolas de samba do Rio de Janeiro**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lumiar, 2004.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Carnaval Carioca dos bastidores ao Desfile**. O rito e o tempo: Ensaios de Carnaval. Rio: Civilização Brasileira, 1999. COSTA, Haroldo. **Salgueiro**: Academia do Samba. Rio de Janeiro: Record, 1984.

FARIA, Guilherme José Motta. *Nem melhor nem pior. Os Acadêmicos do Salgueiro e a história dos negros nos desfiles dos anos 1960*. Rio: Multifoco, 2015.

FERREIRA, Felipe. **O marquês e o jegue: estudo da fantasia para escolas de samba**. 1.ed. Rio: Altos da Glória, 1999.

JUNIOR, Paulo Melgaço da Silva. **Mercedes Baptista** - a criação da identidade negra na dança. Rio: Fundação Cultural Palmares, 2007.

MATTOS, Hebe e ABREU, Martha, **Uma coreógrafa brasileira no atlântico negro** – homenagem à Mercedes Baptista, publicado em, 25/8/2014. In <https://conversadehistoriadoras.com/2014/08/25/>, pesquisado em 08 de outubro 2019.

MELO, João Gustavo. **Na Vida, Um Mendigo...** Na Folia, Um Rei! Monografia de graduação do Curso de Comunicação Social: Universidade Federal do Ceará. UFCE-JAN/2000, p. 9-10.

MELO, João Gustavo. **Salgueiro faz a festa no carnaval do Quarto Centenário da Cidade do Rio**. Publicado em: 10/01/13. In: <https://extra.globo.com/noticias/carnaval/carnaval-historico>, pesquisado em 8/10/2019.

